

ÉTICA

O termo ética é utilizado constantemente não somente na informalidade do nosso dia-a-dia a fim de expressar um determinado modo de ser individual ou de grupo, mas também e principalmente em estudos dos diversos níveis e graus de ensino, notadamente em trabalhos acadêmicos, tais como monografias, dissertações e teses. Além disso, incontáveis obras de autores das mais diversas áreas do conhecimento não deixam de pontuar a palavra ética como um convite à reflexão dos valores e das condutas socialmente viáveis para bem conduzirmos a nossas ações em todos os momentos e contextos vividos.

É também comum ouvirmos ou lermos em jornais, revistas e outros meios de comunicação que as sociedades passam por uma severa crise ética em nível planetário. É curioso, em nossos dias que, quando alguém quer se referir à ética, enfatiza muito mais a sua ausência, a sua falta do que a sua presença, seja para demonstrar o seu desencantamento ante a um determinado fato, evento ou simples disputa verbal. Parece ser isto que, em parte, traduz a noção de crise no âmbito ético. Ou seja, a ausência da ética é a sua presença negada.

Tornou-se público e notório o fato de que a política praticada por políticos profissionais no mundo inteiro não condiz com o desejado preceito ético que a política e os políticos deveriam seguir para o bem social. Embora não seja uma situação particularmente localizada no Brasil, os constantes anúncios de malversações do dinheiro público, os descasos administrativos aliados a interesses egoístas de parlamentares e governos, tem chamado a atenção dos brasileiros, graças também à mídia, da profunda crise ética que há décadas senão há séculos aninhou-se nas hordas dos poderes.

Questões prementes na atualidade como o aborto, a eutanásia, a manipulação genética, a superpopulação carcerária, a miséria, a violência sofrida pelos oprimidos seja em orfanatos, asilos, nos próprios lares; o abuso sexual a que crianças e adolescentes estão submetidos em muitos setores sociais, enfim, a exclusão social, são mostras, além de outros, de problemas éticos presentes no mundo inteiro.

Se a noção de ética tem sido utilizada muito mais pela sua ausência do que pela sua efetiva constatação, pergunta-se, então, o que significa ser ético, qual o sentido da ética, as suas características específicas que informam a sua universalidade e ao mesmo tempo a sua particularidade histórica?

Por seu turno, a ética é um ramo da filosofia que, como veremos a seguir, está presente no pensamento racional desde o século V a.C., na Grécia, quando os filósofos passam a se preocupar com os fundamentos que caracterizam os preceitos de felicidade, virtude, amor, dever, honra, etc. Ou seja, é quando a filosofia passa da cosmogonia à

metafísica do ser, tendo como inspirador o próprio Sócrates (470/469-399 a. C.) através das obras de Platão (428-348 a.C.) e Aristóteles (348-322 a. C.) com a sua obra significativa “Ética a Nicômaco”.

É assim que origem da palavra ética remonta à idade clássica ou greco-romana da histórica do ocidente. O termo ética é de origem grega, *ethikós*. Dionísio da Silva, em seu Dicionário de Verbetes intitulado “De onde vêm as Palavras” (2004:328), enfatiza que “o latim aproveitou o neutro pessoal *tà ética*, tratado de moral, derivado de *êthos*, modo de ser, caráter, costume”. Mas, continua o autor, “quando os romanos dominaram a Grécia já tinham preceitos éticos, embora sob a denominação de *mores* (normas de conduta, hábitos, costumes), impostos ao indivíduo pela comunidade desde que o homem se organizou para viver em comunidade”.

De *mores* origina-se a idéia de moral, sendo este um conceito que define normas, leis, regras ou regulamentos (escritos ou não) para a necessária coexistência coletiva entre as pessoas.

Para outros estudiosos da ética, como Vázquez, a ética é o estudo científico do moral (*mores*) de uma determinada comunidade, sociedade, cultura enfim, de qualquer agremiação humana no tempo e no espaço. Para esse autor a ética não normatiza a conduta humana (a normatização cabe às normas morais, aos *mores*), apenas procura compreendê-la, descrevê-la e refleti-la em seus aspectos significativos aludidos à organização dos costumes, das leis e das normas específicas de uma coletividade.

Parece ser muito freqüente as pessoas se perguntarem se devem se referir à ética ou ao moral quando desejam descrever um fato agradável ou desagradável em qualquer relação social ou individual. Essa dúvida é muito recorrente e pertinente, na medida em que se confundem as normas, leis e regulamentos (os *mores* sociais) com o estudo, a reflexão científica da conduta social e individual. Talvez este fato ocorra porque na sua origem grega *ética* possui dois significados, quer dizer, *êthos*, quando em grego é escrito com épsilon, refere-se aos costumes, hábitos de uma sociedade ou comunidade determinada: refere-se ao *mores*. Um segundo sentido grego da ética, isto é, quando o termo é escrito *êthos* (*êta*) tem o significado de morada, lugar habitual. Daí que, nesse segundo sentido, ética pode referir-se a *êthos* como consciência moral ou seja, ao universo do indivíduo/sujeito que decide sobre a sua morada, a sua casa, ou melhor, sobre a sua conduta, o seu agir, validando ou não as regras morais do seu patrimônio cultural e social (*mores*).

Por outro lado, quando dizemos que Fulano de Tal não tem ética queremos dizer que o mesmo não respeita o que é convencionalizado enquanto bem individual e social, ou que ofende os valores maiores de uma coletividade como, por exemplo, a honestidade, a verdade, a sinceridade, a honradez, a dignidade e assim por diante.

Finalmente, é muito importante registrar o fato de que a ética em seus dois sentidos (enquanto reflexão científica do moral e enquanto decisão de ação de foro íntimo – enquanto consciência moral – num determinado tempo e num determinado espaço) está necessariamente inserida em um tempo histórico e cultural muito específicos, cujas normas, valores e crenças se diferenciam. Porém, diferentes culturas ou organizações sociais podem compreender ética de forma diferenciada, mesmo que vivam num mesmo tempo histórico. É que cada cultura, grupo ou comunidade humana (para ficarmos somente no ambiente humano) estabelece para si mesma (seja através da força seja por convenção democrática) um modo de ser e de viver de conformidade com interesses e necessidades. Mesmo assim, ou seja, ainda que cada cultura normatize seus padrões de comportamento e defina o que é ou não é ético, haverá sempre uma matriz universal que irá permear a diversidade e especificidade peculiar de cada sociedade. Essa matriz é a idéia do bem. Ainda que seja ambivalente (e por isso mesmo, talvez,

contrariando em parte o filósofo Kant que dizia ser a *boa vontade* o único bem que é somente bom) o bem emerge da consciência moral e nos incita à responsabilidade das nossas intenções/ações em direção a outrem, à natureza e a nós próprios.

Nessa medida, o agir ético contém predicados indissociáveis de sua natureza como a responsabilidade, a consciência da ação, a intenção e a sua efetiva consolidação, que pode ou não atingir a sua meta prevista como um bem e realizar-se enquanto virtude. Com Platão, deixamos a seguinte interrogação: Pode a virtude ser ensinada?

Humberto Calloni

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 [Col. Os pensadores].

CHAUI, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1994

MORIN, Edgar. *O método 6. Ética*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Cia. Das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.